

SABER POPULAR E SABER CIENTÍFICO

POPULAR KNOWLEDGE AND SCIENTIFIC KNOWLEDGE

Severino Felipe da Silva¹
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

José Francisco de Melo Neto²
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

O presente trabalho visa entender a relação entre o saber popular e o saber científico, a partir da experiência de pesquisadores, com a metodologia da pesquisa-ação, com a educação popular e com projetos/programas de extensão popular - expressão de um trabalho social e útil, com a intenção de conectar ensino e pesquisa e de promover mudanças. Além dessa experiência, são elementos da pesquisa fatos decorrentes da aplicação dessa metodologia de pesquisa e de ação a respeito da possível existência de obstáculo/tensão na relação entre o saber popular e o saber científico, utilizando-se do método indutivo, teórico-descritivo e bibliográfico. Os resultados da pesquisa revelam que há “receios” nessa relação no ambiente acadêmico, mas, não propriamente, como algo intransponível. Também urge a compreensão de contribuições e de limites desses saberes, estabelecendo sínteses para novas ações na pesquisa e no campo filosófico da teoria do conhecimento.

Palavras-chave: Saber popular. Saber científico. Sabedoria.

1 INTRODUÇÃO

A discussão³ sobre a relação entre o saber popular e o saber científico não é uma novidade no campo da Filosofia. Está presente em atividades educativas, que envolvem os valores da educação popular em programas ou projetos de governos e, sobretudo, nos direcionados a grupos sociais, que exprimem políticas de 'inclusão social', ao utilizarem a metodologia da pesquisa-ação. Insere-se em grande parte das discussões no campo da

¹ Graduado em Pedagogia e membro do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: severinofelipe@globo.com

² Professor titular da UFPB; participa do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), na linha de Pesquisa em Educação Popular; é membro da Incubadora de Empreendimentos Solidários (INCUBES-UFPB) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR) e do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Economia Solidária e Educação Popular (NUPLAR). E-mail: meloneto01@yahoo.com.br

³ Este texto é produto de análise da entrevista do Prof. Eduardo Sodré (UNIFESP), realizada por Andréa Alice, Professora da UFRPE, doutoranda em Educação (UFPB) e membro do Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR), durante a realização do II Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão Popular, em João Pessoa - PB, em 2013.

extensão popular⁴, como expressão de um trabalho social e útil, com a intencionalidade de promover mudanças, quando se discute sobre a produção de conhecimentos ou de saberes. As atividades de extensão popular pela pesquisa-ação são permeadas pela mobilização social e pela pesquisa, com a presença, em geral, de profissionais acadêmicos. A questão posta, então, é a seguinte: Existe obstáculo/tensão na relação entre o saber popular e o saber científico quanto à sua produção por meio da metodologia da pesquisa-ação?

A resposta obtida com a pesquisa geradora deste texto é de que existem ‘receios’ nessa relação no âmbito acadêmico. Contudo, isso não se evidencia como obstáculo intransponível para a mobilização de grupos populares⁵ em suas lutas reivindicatórias básicas. Menos ainda, impede a geração de conhecimento ou de saberes, algo intrínseco a qualquer metodologia de pesquisa. Além do mais, cobra mais compreensão das contribuições e dos limites de saberes ou conhecimentos, portanto, é desnecessário qualquer tipo de tensionamento.

Sodré (2014), quando analisa o tipo de conhecimento gerado na pesquisa-ação em projetos de extensão popular, admite a existência de tensão em alguns setores acadêmicos e cobra desses grupos que o superem. Para ele⁶, “existe certa tensão entre esses dois saberes - saber popular e conhecimento (saber) científico”. Mas pode desaparecer no exercício da pesquisa-ação, quando se procuram conhecimentos (saberes) úteis às mobilizações e ao campo acadêmico. Nas ações educativo-populares em atividades na extensão popular, há condições de colaborar para uma ‘ex-tensão’. Isto é, ele defende uma distensão desse “receio”.

Parece que o desejo daqueles setores acadêmicos é de posicionar, frente a frente, ambos os saberes para possíveis comparações e, talvez, como numa queda de braço, definir-se o que tem mais força. Nesses patamares, é necessária a resposta à questão: “O que se está falando ao pôr em evidência a relação entre o saber popular e o saber científico?”

⁴ Ver: MELO NETO, José Francisco de. **Extensão popular**. João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2006.

⁵ Aqueles que estão sendo organizados para as discussões sobre questões em seus ambientes de vida.

⁶ Entrevista concedida pelo Prof. Eduardo Sodré, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), à doutoranda em Educação (UFPB) Andréa Alice, sobre extensão popular, pesquisa-ação e educação popular quando da realização do **II Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão Popular: quais os referenciais?**, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Extensão Popular (EXTELAR) e pela ANEPOP (Articulação Nacional de Extensão Popular), no Campus I da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, em novembro de 2013.

2 SABER POPULAR, SABER CIENTÍFICO E SABEDORIA

A evolução da espécie humana só tem sido possível devido, inicialmente, ao acúmulo de saberes intuitivos ou conhecimentos práticos, desenvolvidos pelos próprios humanos, que tornam possível sua existência até os dias de hoje. Nessa caminhada da humanidade, foi ocorrendo um processo seletivo de saberes, desde o começo da relação entre o homem e a natureza, que se reproduziram e vêm sendo repassados para as novas gerações. Houve momentos estritamente orgânicos, que asseguraram a existência biológica, e, posteriormente, de saberes intuitivos morais ou práticos. O processo de experimentação permanente na vida dos seres humanos, por meio de ensaios e de erros, embasou a sobrevivência da espécie diante dos desafios da natureza. Inclusive os vários saberes denominados posteriormente de matemáticos passaram como cultura, como técnicas, e suas origens se perderam no tempo. A princípio, podem estar mais relacionados a contrastes do que a semelhanças, como a diferença entre os bichos quanto aos seus tamanhos. Contrastes com tamanhos de árvores e arbustos ou entre diferenças de formas como a lua redonda e uma árvore qualquer comprida. Os pesquisadores Boyer e Merzbach (2014, p. 24) mostram que “[...] gradualmente deve ter surgido da massa de experiências caóticas, a percepção de que há analogias: e dessa percepção de semelhança entre números e formas nasceram a ciência e a Matemática [...]”.

Esses saberes práticos acumulados vieram estabelecer-se como sabedoria - o acervo de conhecimentos originários daquelas pessoas mais observadoras das relações com a natureza. Foram elas que despertaram para duas faculdades humanas, segundo Devlin (2006): a de contar e a de criar símbolos para denotar números e manipulá-los posteriormente, pelos idos de 75.000 a 200.000 anos atrás. As mais atentas a essas relações em seu conjunto, também inventando ferramentas, foram denominadas por Burke e Ornstein (1998) de “fazedores de machados”. Os 'machados' simbolizam o acúmulo desses saberes úteis, gerados pela vivência humana e que formarão a sabedoria ancestral. Por meio da sabedoria humana é que foi possível a existência da humanidade.

O humano construiu um discurso que pronuncia uma unidade dialética, em movimento, pois, enquanto o elabora, ele está nele mesmo. Uma realidade que se revela muito mais ampla do que o pensamento em si. Uma sabedoria eminentemente gerada de

maneira assistemática, que se institui como popular, pois é originária do povo⁷, em base epistemológica definida pela relação causa e efeito.



Fonte: Serra da Capivara (Piauí-Brasil) - reprodução de uma caçada, talvez. Registro por meio de símbolos de, aproximadamente, 50 mil anos passados

Assim, o humano foi selecionando aquele tipo de saber que era útil à sua sobrevivência. Esses saberes práticos, repassados para os demais humanos, foram respaldando a instrução, caracterizada pela repetição daquilo que dera certo. Foram-se acumulando as informações, tudo de forma oral, veiculando valores definidos mesmo diante de várias circunstâncias inóspitas. Todos esses saberes foram sendo gerados por cada aprendizagem e ensino, no início, de forma individual e, depois, coletivamente. Sem, necessariamente, surgir de forma linear, mas de acordo com as necessidades que foram sendo atendidas pelas experiências dos humanos em luta pela vida, também foram sendo despertados para criar símbolos da linguagem e promover, definitivamente, a capacidade de abstração⁸. Assim, foi possível transformar a ‘ciência’ na “grande narrativa da natureza”, segundo Gleiser (2014). A abstração, por sua vez, vem se apresentando com mais importância em todas as atividades dos tempos atuais. Esqueceu-se, talvez, da contribuição das coisas concretas da vivência humana para o seu saber. Ainda se pode lembrar Kant (1974), segundo o qual, todo o conhecimento passa pela experiência.

O acúmulo das comunicações dessas descobertas, das espertezas para sobreviver, das habilidades em suas produções, do seu instrumental técnico e de

⁷ Popular como algo originário do povo. Para os tempos de hoje, ver os sentidos do termo popular em: MELO NETO, José Francisco de. **Extensão popular, autogestão e educação popular**. João Pessoa, PB: Editora da UFPB, 2004.

⁸ Ver: SOARES, Luís Havelange. **A dialética entre o concreto e o abstrato no ensino de matemática: contribuições dos recursos computacionais**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE da UFPB/Campus I, João Pessoa, 2014.

atividades profissionais, posteriormente, foi denominado pelos gregos de *techne*⁹. A sabedoria passou a ser esse rico tesouro de saberes ou conhecimentos práticos acumulados, permeada de regras primitivas de condutas baseadas igualmente em superstições e mitos. Como se vê, a sabedoria popular antecedeu a *techne grega* e, necessariamente, o saber científico.

Na modernidade, o saber científico teve a mesma base do saber popular - a referência na experiência, definida pela relação causa-efeito. Por sua vez, caminha pela busca do algo novo, que é a intervenção do pensamento por meio das formulações de hipóteses a serem demonstradas, vinculando, desde o início, a experiência à mesma relação. Sua produção continua, ainda nos tempos de hoje, com a intervenção pelas abstrações e alimenta-se da lógica clássica aristotélica que diz:

[...] quando desejamos estabelecer uma proposição sobre um sujeito como um todo, temos que examinar (em primeiro lugar) os sujeitos dos quais o predicado que procuramos estabelecer é realmente afirmado e (em segundo lugar) os consequentes do sujeito cujo predicado se requer que estabeleçamos, pois se houver alguma coisa que seja comum a ambas as classes, o predicado terá que se aplicar ao sujeito [...]. (ARISTÓTELES, 2005, p. 171)

O ponto de partida do saber científico está na experiência e nos dados, instalando a máxima de que, “[...] sem indução-dedução, não se pensa, sem análise-síntese não se faz experiência [...]” (PEREIRA, 1990, p. 31). Todavia, essa experiência é quase que exclusivamente laboratorial e praticamente fora do ambiente experiencial da vida humana.

Esse ramo das ciências baseadas na experimentação e em análises matemático-estatísticas passou a se caracterizar por seu interesse em mensurar as coisas. Sua linguagem é a da quantificação. Dimensões metafísicas não fazem parte de seu processo de explicação mas, apenas, dados comprováveis. O interesse, agora, são os resultados gerados da experiência no laboratório. **Esse produto passou a ser denominado de conhecimento científico ou saber científico.**

Com Descartes (1996), inaugura-se a ciência em seus aspectos matemáticos. Essa ciência arrasta consigo a perspectiva da experiência, em especial, para um saber sobre a natureza. Todavia, Galimberti (2006, p. 214) observa que Descartes zela para não se submeter à “[...] torrente de informações sem que venha da observação da

⁹ Ver: JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. 3. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

natureza, mas que é preciso antecipar o esquema hipotético e ver se a natureza corresponde a esse esquema [...]". Isso foi reforçado pela visão kantiana, presente na *Crítica da Razão Pura*, de que a razão vê somente aquilo que ela mesma produz (KANT, 1974).

O fenômeno é explicado a partir do seu fatiamento em partes menores possíveis e de sua submissão a específicos procedimentos técnicos. A forma de raciocinar consiste em formular hipótese acompanhada de seleção dos alcos a serem observados e analisados. Fomenta-se a utilização do método indutivo, caracterizado pelas várias repetições experimentais, o que possibilita a formulação de uma lei geral. Esse caminho abre um processo permanente e contínuo dessa produção, interpretado como algo sempre crescente e linear. Uma nova explicação só foi possível com os estudos de Kuhn (2003), em que essa percepção é modificada e passa a ser entendida como expressão de revoluções científicas. Esse saber procurou sempre se proferir de forma “exata”, mesmo que contenha a dimensão da contradição, além de explicitar o tamanho de seu erro. Os objetivos de projetos, pesquisas ou programas são definidos com verbos como: mostrar, demonstrar, testar, classificar, explicar, comprovar e sinônimos. Suas categorias analíticas são a relação sujeito-objeto, a relação todo-parte e o contexto-contorno. Esse conjunto de características formará a teoria nesse campo específico.

É possível lembrar como é feita a aplicação, nesse modelo de equações, da física matemática, em que Poincaré (1995) mostra a busca de Maxwell em seus estudos sobre a simetria da matemática. Ele entende que não se trata de deduzir e de mostrar as consequências das equações físico-matemáticas e de considerá-las intangíveis. Para aquele pensador, a lição de Maxwell é de que se deve buscar aquilo que pode mudar nelas mesmas, em especial, tirar dessas equações “alguma coisa útil”.

Sua caracterização embasa-se, em nível técnico, na quantificação como recurso de análise que começa com técnicas específicas de coleta de dados e seu tratamento estatístico com “rigorosa” delimitação do campo para a pesquisa. Hoje, com as tecnologias computacionais, contemplam-se as análises multivariadas, com mais sofisticação dessas possibilidades de análise. Em nível metodológico, o pesquisador é o sujeito imparcial e neutro; em nível gnoseológico, sua característica central é a objetividade, o que significa que as representações devem adequar-se aos objetos e aos fatos. Sua ontologia direciona-se para um enfoque tecnicista e funcionalista, que se espalha pela sociedade. A realidade é algo a ser captada unicamente pela razão e traduzida em dados invariantes. Na visão habermasiana, esse tipo de ciência denomina-

se ciência empírico-analítica. Portanto, a observação, a coleta de dados, a análise quantitativa e a generalização para esse caminho denominam-se método científico. No conjunto, o seu modelo é o de uma fotografia, algo fixo, permanente e imutável.

Essa via das ciências tem sido responsável pelas mais importantes conquistas nos campos da Física, da Química, da Biologia e das tecnologias, nos últimos dois séculos, em especial. A estruturação das ciências e a produção desses saberes não abrangem apenas a dimensão da análise pela quantificação, avança para análises qualitativas, quando reivindica estudos em condições de promover a interpretação e a análise histórica. Essa análise qualitativa prepara-se para as distintas dimensões da polissemia que, em nível técnico, são trazidas a partir de entrevistas, depoimentos, narrativas, vivências e memórias. Procura, metodologicamente, sedimentar o sentido dos fenômenos, por meio de análises com categorias elaboradas à posteriori com definições de núcleos temáticos. Mantém a procura de sentidos, inclusive em gestos e palavras que possam chegar a esse todo - os sentidos dos algos da vida¹⁰, os sentidos dos outros¹¹. Os verbos mais utilizados na definição do objetivo dessas pesquisas são: anunciar, declarar, compreender, interpretar, esclarecer e traduzir.

Esse caminho para o saber procura desvendar os pressupostos implícitos no discurso. Como afirma Coreth (1973, 45), “[...] o problema da hermenêutica é o problema da compreensão [...]”. Compreender um discurso respalda-se em sua reconstrução histórica e divinatoria. Essa busca só se efetua de forma objetiva e subjetiva. A objetividade representa-se pela aplicação do método histórico comparativo, enquanto a subjetividade se externa pelo método intuitivo divinatorio, isto é, com adivinhações, mesmo que elas sejam sustentáveis. Esse esforço epistemológico apoia-se na compreensão do fenômeno, na estrutura cognitiva e na essência e define um sentido comum. Um pensamento que vai das partes ao todo. Isso leva, necessariamente, ao resgate do sujeito pela subjetividade. Seus pares teóricos de análises movem-se da aparência à essência, variante e invariante, do fenômeno ao nômeno. É a ciência histórico-hermenêutica, cujo método, por excelência, denomina-se de fenomenologia. Seu modelo paradigmático é visto como uma radiografia.

Por sua vez, o saber de um fenômeno em movimento, realizado pelas ciências sociais críticas, e definido pela análise crítica e dialética, é caracterizado, em nível

¹⁰ Ver: KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

¹¹ Ver: SILVA, Rosália de Fátima e. Para compreender a "entrevista compreensiva". **Revista Educação em Questão**. Revista do PPGEd da UFRN, v. 26, n. 12, p. 31-51, maio/ago. 2006.

técnico, quantitativa ou qualitativamente, pela evolução do fenômeno. Sua historiografia conjuntural se ocupa com o movimento dos fenômenos e é utilizada nas metodologias da pesquisa-participante, da pesquisa-ação e da pesquisa historiográfica, em especial. Há uma arte e uma política na interpretação e na avaliação da pesquisa qualitativa. Nos dizeres de Denzin e Lincoln (2006, p. 37),

[...] a pesquisa qualitativa é infinitamente criativa e interpretativa. A tarefa do pesquisador não se resume a deixar o campo levando pilhas de materiais empíricos e então redigir facilmente suas descobertas. As interpretações qualitativas são construídas.

Seu nível metodológico passa pela síntese de múltiplas relações que constituem um fenômeno, recupera sua história e desenvolve um forte esforço de recuperação de sua totalidade, traduzida pela recomposição e pelo desenvolvimento histórico do fenômeno. O nível teórico movimenta-se por uma razão eminentemente crítica, que vai ao encontro de conflitos e contradições, bem como as determinações ou aquilo que se decide como fundante para definir o algo em estudo. Do ponto de vista epistemológico, a razão transformadora orienta a existência do conhecimento para as necessárias transformações da vida. Como opina Chizzotti (2006, p. 82), “[...] só uma comunicação dinâmica pode remover obstáculos e substituir práticas cristalizadas por um novo tipo de agir [...]”.

A ênfase dialética, na visão de Marx, recai nas relações entre a prática e a teoria e, até mesmo, da práxis. Quanto a sua gnoseologia, expressa a tentativa pela síntese - sujeito e objeto. É um caminho teórico que vai da abstração e se conduz por meio do concreto, até o concreto permeado de pensamento ou o concreto pensado. A dialética de sua exposição manifesta-se nos movimentos da síntese, da análise e da nova síntese, ou na ação, em sua reflexão e na elaboração de uma nova ação. Isso sugere uma ontologia em que a realidade é algo em movimento, e o sujeito é visto como o construtor de sua história mesma. O conjunto desses procedimentos é denominado de método dialético. O modelo de seu paradigma pode ser o cinema, o fenômeno em movimento.

2.1 O saber científico na pesquisa-ação

Diante da hegemonia do saber pelos procedimentos do empirismo, os pesquisadores cobram dos demais modos a assimilação necessária sobre seu modo de experimentar, exigem que o problema da pesquisa esteja ‘bem definido’, com variáveis conhecidas e controladas, desejam saber se os instrumentos de coleta de dados estão

‘bem estruturados’ e se as técnicas estatísticas de análise estão ‘claramente’ fixadas. Quaisquer outros procedimentos conduzem a alguma coisa não ‘confiável’, nada científica. Para esses pesquisadores, parece que o saber só iniciou na Idade Moderna, com os empiristas, e nada para trás merece esse 'status'. É verdade que antes não existia algo com essa acepção metódica.

Mesmo com esses vários estilos de se fazerem ciências ou de produzirem saberes, a pesquisa orienta-se por vários caminhos como os já expostos. Podem utilizar-se do rigor, da validade e da confiabilidade de seus resultados que são assegurados pela discussão e pela reflexão crítica com os participantes de grupos envolvidos no processo de pesquisa, por exemplo, a pesquisa-ação.

Richardson (2003, p. 152) mostra que a pesquisa-ação se alicerça em objetivos "bem" definidos, voltados para a prática dos participantes, a apreensão a respeito do que está se promovendo e o lugar onde ocorre essa prática. Além disso, procura envolver os participantes na pesquisa, com a finalidade de “[...] assegurar a participação dos integrantes do processo; assegurar a organização democrática da ação; e propiciar compromisso dos participantes com a mudança [...]”.

Essa orientação caracteriza as distintas etapas da pesquisa-ação com diagnóstico, reflexão, ação e avaliação. Um movimento comparado com a figura da espiral e, portanto, que se move em todo o seu desenrolar. Em particular, a avaliação é contínua, durante o processo, e a avaliação dos resultados sempre se renova por meio dessa análise, da mediação dos resultados e do seu desenvolvimento.

O rigor é algo de destaque para o pesquisador desse campo, mas não indica seguir princípios da pesquisa empírico-experimental tradicional. Suas fontes estão na pesquisa qualitativa, por meio de técnicas múltiplas utilizadas nas coletas de dados, da diversidade de fontes de informação e da análise das informações. Para ele (RICHARDSON, 2003, p. 172), o rigor científico da pesquisa-ação é marcado pela participação dos envolvidos na pesquisa e das informações geradas pelos diálogos ocorridos no processo, pois muito o qualifica. Decorre da ação da pesquisa que fornece informações permanentemente a respeito das chances emergentes de mudanças, tanto de situações vividas quanto de projetos e programas em efetivação. Afinal, nenhuma técnica substituirá o “[...] desenvolvimento de uma relação humana de qualidade, que respeita os dinamismos e os valores de todos os envolvidos [...]” (DIONNE, 2007, p. 124). Portanto, esses novos caminhos voltados para a produção de saberes úteis à sociedade fortalecem, na visão de Geertz (2013), um saber local, com novas

interpretações da realidade, as quais se mostram instaladas. Valorizar o saber local é pôr em evidência conhecimentos intuitivos, constituintes do saber popular. Na pesquisa, com todas as características que lhes asseguram o rigor da ciência que analisa um fenômeno em movimento, está presente o saber popular.

Até o momento, foram mencionadas características dos saberes nos distintos campos das ciências e do saber popular. Nelas não aparentam existir tensões impossíveis de superar, considerando que, na linha dos distintos paradigmas, muitos aspectos estão contemplados na efetivação do conhecimento prático e do saber popular. 'Cabe a discussão sobre a possibilidade de remover eventuais 'receios' nessa relação.

2.2 Superando "receios"

O primeiro aspecto na relação entre o saber popular e o saber científico é a dimensão ideológica presente na discussão em que o saber ancestral tem sido visto como algo inferior, denominado de senso comum. Por outro lado, na discussão sobre a racionalidade epistemológica e a produção do conhecimento, Habermas (2004) entende o conhecimento como produto de proposições ou juízos que podem ser verdadeiros ou falsos. Foi a experimentação durante a vida das pessoas que o falseou ou o aprovou. Portanto, é sua diversidade que vem formar o saber, que pode ser visto como de natureza linguística e não se resume a um conhecimento de fatos, mas como o determinante na construção dos saberes atuais. Para ele, “[...] conhecemos fatos e temos um saber sobre eles apenas se, ao mesmo tempo, sabemos por que são verdadeiros os juízos correspondentes. Do contrário, falamos de saber intuitivo ou implícito, de um saber 'prático' sobre *como se faz algo* [...]” (HABERMAS, 2004, p. 104).

O saber científico também compõe o saber. Em verdade, estão-se usando tais conceitos, conhecimento ou saber com nenhuma valoração de inferioridade ou superioridade. Aliás, o desejo da ciência (empírica, hermenêutica e social crítica) é de que o seu produto seja o mais possível espalhado, socializado e acessível para todas as camadas da população. Assim, estaria realizando o seu papel de construir um mundo com mais racionalidade, talvez, emancipadora, pondo fim a mitos e a crendices. Com certeza, sonhos de se tornar mais senso comum.

O saber popular está sendo posto como o conjunto de conhecimentos intuitivos que foram se acumulando, concorrendo socialmente para a promoção das pessoas e alicerçando a sabedoria para a vida. Portanto, é algo que vai além de uma simples

constatação ou submersão ao experimental, porquanto é útil de gerações para gerações. O saber popular veio se acumulando com o crescimento quantitativo e qualitativo da humanidade e seus avanços. Muitos desses saberes práticos ainda hoje carecem de ser superados naquilo que não constitui produto da relação causa e efeito ou nas meras suposições ou superstições sem qualquer tipo de verificabilidade. Há saberes práticos, cujos juízos não suportam testes de veracidade. Há outras práticas que carecem, ainda, de comprovações.

Para Melo Neto (2013, p. 138), o conhecimento dito científico,

[...] por meio de uma cantilena permanente, elege a razão como a única em condição de constituição de um conhecimento capaz de aproximação ao objeto de desejo de se conhecer. Essa ciência daí gerada assume, até certo ponto, uma capacidade mágica de erradicar a ignorância da humanidade, retirando-a das trevas do desconhecimento, elevando-a à condição de progresso.

Na mesma perspectiva, Wallerstein (2004, p. 125) aponta que esse conhecimento parece “[...] também dar origem a invenções práticas, e esse método de afirmar o conhecimento apresentava-se como um modo de conhecer com um poder especial [...]”. Adquire dimensões praticamente de magia e não suportará qualquer teste que o fundamente.

O saber popular não se propõe a assumir qualquer força mágica ou a assegurar o gerenciamento da humanidade. Todavia, a razão mantém-se como componente fundante da validade de um conhecimento gerador de saber. Muito distante da exigência quantitativa empirista, essa validade se dá pelo reconhecimento intersubjetivo através do falante e do ouvinte. São razões, que vão sendo resgatadas de cada um, quando estão em grupo, tornam-se posição coletiva. Em nenhum momento, o saber popular ou o saber da tradição foram expressão do não pensamento, mas de um conjunto de pensamentos determinados pelas condições do pensar em cada momento histórico. Nunca se propôs, por si mesmo, a salvar a humanidade, contudo se prestou ao saber viver em cada momento da vida humana e aí está a sua importância.

No mundo do conhecimento/saber hermenêutico, esse saber, como uma “arte da compreensão”, ao manter seu sentido original bíblico de uma “correta” e “objetiva” interpretação, inicialmente não tem como ponto de chegada a produção teórica, mas o uso prático ou a práxis da interpretação. Por esse caminho, foi se sofisticando a interpretação, necessariamente, da linguagem escrita, mas isso só nos tempos atuais. Desenharam-se os procedimentos básicos da interpretação em dois níveis: o gramatical

e o psicológico. É nesse último em que se esboçam os métodos da reconstrução histórica e do divinatório e em que há adivinhações. Claro que essas não são simples opiniões sem qualquer tipo de abalamento que as sustentem. Isso também ocorreu no percurso de formação do saber popular, em que estiveram as explicações dos fenômenos no mundo, às vezes, permeadas de pressentimentos, de adivinhações infundadas e de mitos que merecem ser superados.

A interpretação, portanto, vem se efetuando com a apreensão do individual em sua peculiaridade, em sua significação, tentando captar as forças sentimentais do objeto, que carece da vivência das pessoas. Todavia, foi com Gadamer (1997) que essa expectativa de conhecimento foi promovida a um nível teórico, enunciando uma teoria filosófica da compreensão dos fenômenos históricos. Para ele, isso significa a compreensão *da* história, *na* história ou *pela* história. Com esse pensador, a compreensão terá sentido quando inserido no processo da tradição. A tradição mostra o passado e o presente que se entrelaçam de forma contínua, questiona a formulação da verdade científica trazida como expressão meramente de dados e critica essa visão que se conduz para o campo de uma cientificização ou mesmo de a verdade se limitar a esse tipo de certeza científica. Além disso, é sempre impossível apreender a verdade em sua inteireza.

Para os tempos atuais, a hermenêutica carrega suas limitações, avalia que algo está entendível, quando fica mais intimamente condicionado à língua do outro, e se revela de maneira estranha ao eu e desconhecida na relação com o outro, o qual se coloca como outro mundo diante do mundo do eu. Esses são limites postos ao campo do saber popular, um saber de acúmulos de conhecimentos práticos anteriores. Há limites presentes nos saberes das ciências experimentais e analíticas e nas ciências da hermenêutica. Afinal, em ambos os campos e nas ciências sociais críticas, os "dados", efetivamente, não estão dados. Da mesma forma, os fenômenos são construções. Tudo isso reforça as dúvidas sobre onde estão os obstáculos para se compreender que o saber intuitivo pode ser aceito no que for sustentável.

E a análise dos fenômenos em movimento pela dialética, nas ciências sociais críticas, tem caminhado em processos de sofisticação de suas análises. Possível é se falar de uma dialética platônica, que se movimenta do mundo real ao mundo das ideias ou o caminho que vai do mundo das ideias ao real. Mas, na modernidade, especialmente em Marx (1974), a análise dialética é um movimento do pensamento, portanto, de abstrações, que se move do real (concreto) para o concreto pensado. Esses movimentos,

que, por meio da exposição, manifestam-se como expressão da via triádica da síntese, da análise e da nova síntese, uma síntese que supera a primeira, revelam tomadas de atitude que provocam reações e elaboram novas ações.

Borda (1981), quando discute sobre a pesquisa de fenômenos em movimento, expõe uma sistemática que se conduz, inicialmente, pela necessidade de que o conhecimento precisa ser autêntico e apresentar compromissos. Não pode assumir qualquer tipo de dogmatismo. E como é produzido em grupo de pessoas, esse mesmo grupo precisa receber de volta os resultados dessa produção. Da mesma maneira, a equipe técnica que auxilia o grupo, e vice-versa, carece da posse de dados e de mais elaborações discursivas. Há, ainda, a promoção da ação-reflexão por todos os participantes e envolvidos. Nesse momento, a importância do “equilíbrio” e do ritmo no grupo para as tomadas de decisões é uma exigência. Finalmente, a caracterização de que essa sistemática promova o diálogo.

Para ele, o manuseio de recursos técnicos dessas pesquisas se apresenta modesto, mas, em nenhum momento, significa falta de ambição acadêmica e, muito menos, que esses esforços possam ser vistos como de segunda categoria. Nessa modalidade metodológica, o pesquisador deve

a) abandonar a tradicional arrogância do erudito, aprender a ouvir discursos concebidos em diferentes sintaxes culturais, e adotar a humildade dos que realmente querem aprender e descobrir; b) romper com a assimetria das relações sociais geralmente impostas entre o entrevistador e o entrevistado; e (c) incorporar pessoas das bases sociais como indivíduos ativos e pensantes nos esforços de pesquisa. (BORDA, 1981, p. 55)

Essa sistemática das ciências sociais críticas não aponta, à moda do empirismo, que é preciso seguir seu modelo. De forma semelhante, acompanha a preocupação com a utilidade desse produto, pois os grupos humanos estão sempre buscando alguma forma de compreender suas vidas e que lhes sejam úteis para solucionar problemas imediatos e de longo prazos.

Também urge o reconhecimento da importância da não assimetria entre o sujeito da pesquisa e o pesquisador, na expectativa de que pessoas que não estejam em campo de estudo acadêmico sejam coadjuvantes com os novos conhecimentos e se esforcem para que lhes sejam úteis. Santana (2013, p. 87) mostra, em seus estudos em teatro, que tanto a docência quanto o conhecimento entre grupos sociais e a universidade necessitam do trabalho em equipe. Para ele, esse tipo de trabalho social “sinaliza para o

estabelecimento de certa *sintonia fina* entre universidade, escola e comunidade”. Uma sintonia que sugere que não se devem ter atitudes preconceituosas a respeito da prática, geradas no calor da vida cotidiana, e que contribuem com o saber popular. Uma via que, na perspectiva de Marx e Engels (1978), a produção de uma ciência seja nada ociosa, abstrata, livresca ou puramente escolar, separada da base, isto é, das condições materiais da vida e do processo produtivo. Sua validade não deve ser conduzida por uma autoridade de determinado saber, não só por evidências nem mesmo por mera utilidade. Sua validade é definida pela prática social.

A intuição e a prática, que contribuem sobremaneira com a vida da humanidade, têm sido subavaliadas por parte de pesquisadores. Mas, a ciência "abstrata" que, simplesmente, leva a se estudar o fenômeno fora da realidade, conforme a imagem de Japiassu (1976, p. 14), é algo parecido com cegos que são conduzidos por outros cegos. E, mais: “A ciência é a consciência do mundo. A doença do mundo moderno corresponde a um fracasso, a uma demissão do saber”.

Como se vê, não basta discutir sobre a importância de se levar em conta o saber que vem da vida prática, mesmo que sem a elevação abstrata à teoria, mas também considerá-lo em quaisquer modelos. O que se evidencia é a possibilidade de haver conciliação entre a intuição (prática) e a abstração ou a construção de teorias. Advoga-se a perspectiva de colaboração do saber popular à construção de saberes científicos e vice-versa, a fim de ampliá-los, por meio de suas distintas metodologias, constituindo a sabedoria da sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES

Observe-se que as diferenciadas formas de conhecimento ou de saberes, sejam o saber popular ou o saber científico, em seus distintos modelos metodológicos, sugerem aspectos específicos de aproximações e afastamentos e exprimem o processo produtivo de significados, signos e valores da vida social em cada modo de produção. Isso auxilia o pensamento moriniano, que destaca a crise de explicação no campo das ciências físicas e biológicas como a incerteza, a desordem, a contradição e a pluralidade. Na verdade, tudo isso é parte de uma problemática geral do conhecimento científico.

Aí estão as limitações de cada método de análise de um fenômeno, comum a todo tipo de saber. Contudo, está muito longe de se entender que os conhecimentos são iguais e merecem a mesma credibilidade. Além da procura por utilidade do saber, é

necessário que se produza saberes/conhecimentos sem cair necessariamente no utilitarismo filosófico e nos braços da ética utilitária, sem ter que com isso evitar a dor e promover o prazer. Essas dimensões da vida estão presentes nos modos do viver humano e têm exercido forte fascinação, inclusive aos saberes.

No desenvolvimento da metodologia da pesquisa-ação acontecem a avaliação, a pesquisa e a sistematização que, para Holliday (1996), devem contribuir com o que lhe é próprio em cada uma dessas instâncias, tendo clara a significação desses momentos. Uma contribuição para a educação e a educação popular de um sujeito social que atua em seu mundo com conhecimentos ou saberes novos. Nessa experiência, está a condição de renovação nas diferenciadas metodologias. Como dizem Santos & Meneses (2010), as experiências sociais tanto produzem quanto reproduzem conhecimentos, que possibilitam as várias epistemologias.

Há de se convir que a atitude de conhecer o mundo não teve início com a exigência de um metódico saber científico. O início norteia-se por curiosidades muito gerais que, submetidas a observações, eleva-se a uma 'curiosidade epistêmica'. Como refere Pereira (2010, p. 162), esse conhecimento desenvolve-se “da particularidade ingênua à curiosidade epistemológica, da percepção do senso comum ao pensamento crítico”. Para essa estudiosa de Paulo Freire, isso não acontece de repente, mas em uma temporalidade histórica, de acordo com as necessidades humanas.

Há que se ressaltar que os conhecimentos não devem deter para si qualquer tipo de posse de verdades universais ou, como diz Japiassu (1981, p. 183), “[...] deter ciumosamente o monopólio da verdade sobre determinado setor do conhecimento [...]”, muito menos exibir-se como proprietário e impor suas verdades. Para ele, é preciso deixar claro que “a verdade do conhecimento é uma procura, e não, uma posse” (JAPIASSU, 1981, p. 183).

Para as ciências experimentais, o saber da tradição traz o a importância da própria experiência da vida. Nas ciências da interpretação, encontra-se com a polissemia das visões distintas e do esforço de compreender. Bourdieu (2012) entende que a maneira mais real e mais realista de explorar essa comunicação mais generalizada é a partir de problemas práticos e teóricos. Nas ciências sociais críticas, encontra-se com o movimento e com o diálogo. O saber popular traz, no processo de sua construção, essas dimensões que parecem ser tão específicas dos distintos saberes científicos, mas que estão muito próximas.

Do saber científico, hoje, não se discute sobre a importância e a atualidade. Das técnicas da interpretação, assegura-se a defesa de verdades de forma sustentável, e pela dialética, a importância dos estudos gerados com os fenômenos em movimento. Do saber popular, a verdade funda-se em conhecimentos intuitivos assegurados pela tradição da prática social da existência humana.

Assim, na relação entre o saber popular e o saber científico, não cabe qualquer tipo de impedimento em seus usos, tampouco qualquer tipo de tensão. Ambos os tipos de saber bem que anunciam ajuda mútua e complementaridade e reconhecem em si mesmos seus limites e suas contribuições.

ABSTRACT

This work seeks to understand the relationship between popular knowledge and scientific knowledge on the basis of the experience of researchers who espouse a research-action methodology in relation to popular education and with projects/programmes of popular extension. This is the expression of useful social enterprise with the intention of connecting teaching and research to effect change. Besides this experience, findings of the research deriving from the application of this methodology of research and action are further elements with regard to the possible existence of obstacle/tension in the relationship between popular knowledge and scientific knowledge, utilizing inductive, descriptive-theoretical and bibliographical methods. As this research is carried out we log the “reservations” in this relationship with the academic environment, but not as insurmountable difficulties. We are urged, therefore, to comprehend how one might process the respective contributions and limitations of these forms of knowledge, establishing syntheses for new actions in research and in the philosophical field of the theory of knowledge.

Keywords: Popular knowledge. Scientific knowledge. Wisdom.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Organon**. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2005.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BORDIEU, Pierre. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. 9. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2012.
- BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados**: os dois gumes da história da cultura humana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CORETH, Emerich. **Questões fundamentais da hermenêutica**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

- DELVIN, Keith. **O gene da Matemática**. Tradução: Sérgio Moraes Rego. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores)
- DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução de Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro, 2007.
- GADAMER, H. G. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e techne: o homem na idade da técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- GLEISER, Marcelo. **A ilha do conhecimento: os limites da ciência e a busca por sentidos**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- HABERMAS, Jurgen. A ideia de universidade: processos de aprendizagem. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 74, p, 111-133, jan/abr 1993.
Disponível em:
<<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/376/381>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora da UFPB, 1996.
- JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura e outros textos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Coleção os Pensadores).
- KAUFMANN, Jean-Claude. **Entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção os Pensadores).
- MARX, K.; ENGELS, F. **Crítica da educação e do ensino**. Lisboa: Moraes, 1978.
- MELO NETO, José Francisco de. **Extensão popular, autogestão e educação popular**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2004.
- _____. **Extensão popular**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2006.

- _____. Perspectivas epistemológicas da educação popular. In: BRAYNER, Flávio. (Org.). **Educação popular: novas abordagens, novos combates, novas perspectivas**. Recife: Editora da UFPE, 2013.
- PEREIRA, Otaviano. **O que é teoria?** 7. ed. São Paulo: [s.n.], 1982.
- PEREIRA, Sandra Maria Borba. **O ato pedagógico como ato gnoseológico em Paulo Freire - ensinar como uma aventura criadora**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.
- POINCARÉ, Henri. **O valor da ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. Como fazer pesquisa-ação? In: _____. **Pesquisa-ação: princípios e métodos**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2003.
- SANTANA, Arão Paranaguá de. **Experiência e conhecimento em teatro**. São Luís: EDUFMA, 2013.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SOARES, Luís Havelange. **A dialética entre o concreto e o abstrato no ensino de matemática: contribuições dos recursos computacionais**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação/PPGE, da UFPB/CAMPUS I, João Pessoa, 2014.
- SODRÉ, Eduardo. **Entrevista**. João Pessoa: Grupo de Pesquisa em Extensão Popular - EXTELAR, 2014. Mimeografada.
- SILVA, Rosália de Fátima e. Para compreender a “entrevista compreensiva”. **Revista - Educação em Questão. Revista do PPGE da UFRN**, Natal, RN, v. 26, n. 12, p. 31-51, maio/ago. 2006.
- WALLERSTEIN Immanuel. As estruturas do conhecimento ou quantas formas temos nós de conhecer? In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.